

ENTRE O EU E O OUTRO: COMPREENSÃO DAS CRIANÇAS SOBRE RAÇA, IDENTIDADE E DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO PIBID

BETWEEN THE SELF AND THE OTHER:
CHILDREN'S UNDERSTANDING OF RACE,
IDENTITY, AND ETHNIC-RACIAL
DIFFERENCES IN THE 2ND GRADE OF
ELEMENTARY SCHOOL IN PIBID

Alexsandra Gomes dos Santos¹,
agds15@aluno.edu.br . **Admilson**
Eustáquio Prates²,
admilson.prates@ifnmg.edu.br. **Jaciely**
Soares da Silva³,
jaciely.soares@ufsb.edu.br.

Resumo: Este estudo teve como objetivo compreender como crianças do 2º ano do Ensino Fundamental compreendem a si mesmas e aos seus colegas em relação à raça, à etnia e à identidade, a partir de uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em uma escola pública do município de Salinas, Minas Gerais, com 20 crianças. Para a produção dos dados, foram utilizados desenhos e um questionário composto por oito questões abertas, envolvendo aspectos relacionados à cor da pele, ao cabelo, à aparência, às semelhanças e às diferenças estéticas entre as crianças. A análise das produções evidenciou divergências entre a forma como algumas crianças se autopercebiam e como eram percebidas pelos colegas, especialmente em relação à tonalidade da pele. Também foram observadas dificuldades no reconhecimento de determinadas características físicas e situações de rejeição ou recusa de identificações associadas à negritude. Os resultados sugerem a presença de estereótipos e representações socialmente construídas que podem atravessar os processos de construção da identidade infantil. Conclui-se que a atividade possibilitou identificar percepções marcadas por estereótipos e dificuldades relacionadas ao reconhecimento e à valorização das características étnico-raciais. Os resultados indicam que essas questões ainda não são suficientemente contempladas nas práticas

pedagógicas observadas, evidenciando a necessidade de ações intencionais que promovam o reconhecimento, a valorização das diferenças e a construção de identidades positivas desde os primeiros anos de escolarização.

Palavras-chave: PIBID. Ethnic-racial relations. Childhood identity. Diversity. Self-image.

Abstract: This study aimed to understand how children in the 2nd year of Elementary School perceive themselves and their peers in relation to race, ethnicity, and identity, based on a pedagogical practice developed within the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID). The qualitative research was conducted in a public school in the municipality of Salinas, Minas Gerais, with 20 children. Data were collected through drawings and a questionnaire consisting of eight open-ended questions addressing aspects related to skin color, hair, appearance, similarities, and aesthetic differences among the children. The analysis of the productions revealed divergences between how some children perceived themselves and how they were perceived by their peers, particularly regarding skin tone. Difficulties in recognizing certain physical characteristics and situations of rejection or refusal to identify with characteristics associated with Blackness were also observed. The results suggest the presence of stereotypes and socially constructed representations that may influence the processes of childhood identity construction. It is concluded that the activity made it possible to identify perceptions marked by stereotypes and difficulties related to the recognition and appreciation of ethnic-racial characteristics. The results indicate that these issues are not yet sufficiently addressed in the observed pedagogical practices, highlighting the need for intentional actions that promote recognition, appreciation of differences, and the development of positive identities from the early years of schooling.

Keywords: Ethnic-racial relations. Child identity. Anti-racist education. Diversity. Self-image.

1 INTRODUÇÃO

A construção da identidade

ocorre ao longo das relações estabelecidas pelos sujeitos em diferentes espaços sociais, sendo a infância um período importante para a formação das percepções sobre si e sobre o outro. Neste processo, características físicas, como cor da pele, cabelo e traços faciais, podem adquirir diferentes significados a partir das experiências vivenciadas pelas crianças e das representações presentes na sociedade.

No ambiente escolar, essas percepções podem ser observadas nas relações entre as crianças, nas formas como reconhecem suas próprias características e na maneira como identificam e nomeiam as características dos colegas. Assim, compreender essas manifestações torna-se importante para refletir sobre o papel da escola na construção da identidade e reconhecimento das diferenças que devem ser pautadas pelo respeito mútuo.

Nesse contexto, o presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Alfabetização, em articulação com a disciplina Relações Étnico-Raciais na Educação, do curso de Licenciatura em Pedagogia do

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). A proposta foi realizada com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Salinas/MG, em 10 de março de 2025.

A pesquisa teve como objetivo compreender como as crianças compreendem a si mesmas e aos seus colegas em relação à raça, à etnia e à identidade, considerando características relacionadas à cor da pele, ao cabelo, à aparência, às semelhanças e às diferenças. Buscou-se, ainda, refletir sobre os significados presentes nessas percepções e suas possíveis relações com processos de valorização, estereotipação e construção da identidade.

Para a discussão dos resultados, foram considerados estudos que abordam identidade, relações étnico-raciais, infância, racismo e estereótipos, contribuindo para a compreensão das manifestações observadas durante a atividade, tais como Silvio Luiz de Almeida (2019), Maria Aparecida Silva Bento et al. (2012), Dorothy Corkille Briggs (2002), William A. Corsaro (2011), Fabiola Cristina Santos Costa (2015), Rita de Cássia Fazzi (2006), Eduarda Souza Gaudio (2013), Nilma Lino Gomes

(2003), Iraneide Nascimento dos Santos et al. (2024) e Douglas Verrangia e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2010). A partir disso, pretende-se refletir sobre a importância de práticas pedagógicas que favoreçam o reconhecimento e a valorização das diferentes identidades desde os primeiros anos de escolarização.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Caracterização da pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida como prática pedagógica no contexto das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Alfabetização. A proposta foi desenvolvida de maneira interdisciplinar, articulando as experiências vivenciadas no programa aos conhecimentos trabalhados na disciplina Relações Étnico-Raciais na Educação, do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG).

A pesquisa teve como objetivo analisar a compreensão de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental sobre si mesmas e sobre seus colegas, considerando aspectos relacionados à

raça, à etnia, à identidade e às características físicas. Para isso, foram considerados elementos como cor da pele, tipo e cor do cabelo, aparência, semelhanças e diferenças percebidas entre os participantes.

A abordagem qualitativa, estiveram ancoradas em Antônio Gil (2002), a qual foi adotada por possibilitar a análise das respostas e produções das crianças, considerando os significados atribuídos por elas às características observadas e às relações estabelecidas no contexto escolar. Dessa forma, a pesquisa buscou não apenas quantificar as respostas apresentadas, mas analisar a manifestação das crianças durante a realização da atividade.

2.2 Área de Estudo e Público alvo

A pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada no município de Salinas, Minas Gerais, em 10 de março de 2025. A instituição atende crianças desde o Maternal I da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental e está situada nas proximidades da região central do município.

Participaram da atividade 20 crianças, com idade entre 7 e 8 anos, matriculadas em uma turma do 2º ano

do Ensino Fundamental. A realização da proposta ocorreu no contexto das atividades desenvolvidas pelo PIBID, envolvendo os estudantes em uma experiência pedagógica voltada à compreensão de características individuais e coletivas, às diferenças e semelhanças entre os sujeitos e aos processos de construção da identidade.

2.3 Metodologia da pesquisa

A produção dos dados ocorreu em um único dia e foi organizada em duas etapas. Inicialmente, as crianças foram organizadas em duplas, formadas por escolha individual das crianças, buscando favorecer um ambiente de interação e familiaridade entre os participantes. Nessa etapa, cada criança foi orientada a produzir um desenho de si mesma e de seu colega, representando as características que considerasse relevantes.

Foram fornecidas explicações sobre a proposta e orientações necessárias para a realização dos desenhos. Entretanto, não houve interferência nas escolhas realizadas pelos participantes. Não foram indicadas cores, características físicas ou formas específicas de representação, permitindo que cada criança escolhesse livremente como

representar a si mesma e ao colega. Para a realização da atividade, foi disponibilizada apenas a folha de atividade, com duração de aproximadamente 50 minutos.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário composto por oito questões abertas, elaboradas de modo a possibilitar que as crianças refletissem sobre suas próprias características e sobre aquelas percebidas nos colegas. O instrumento contemplou questões relacionadas à cor da pele, ao cabelo, à aparência, às semelhanças e às diferenças entre os participantes. As questões apresentadas foram: “Qual a sua cor de pele?”; “Qual a cor de pele do seu colega?”; “Como é o seu cabelo?”; “Como é o cabelo do seu colega?”; “O que você gosta na sua aparência?”; “O que você gosta na aparência do seu colega?”; “O que você e o seu colega têm que são iguais?”; e “O que você e o seu colega têm que são diferentes?”.

As crianças foram orientadas quanto à forma de preenchimento do questionário e responderam às questões de forma manuscrita, tendo liberdade para elaborar suas próprias respostas. Durante esse processo, não foram sugeridas respostas nem direcionadas as escolhas dos

participantes, de modo que os registros pudessem expressar suas próprias percepções sobre si mesmas e sobre os colegas.

Após a realização da atividade, os dados obtidos por meio dos desenhos e das respostas ao questionário foram organizados para análise. As respostas foram agrupadas de acordo com as categorias identificadas nos registros das crianças e, posteriormente, foi contabilizada a frequência de ocorrência de cada resposta. Os resultados foram apresentados em quadros, permitindo visualizar as respostas mais recorrentes e as diferenças entre a compreensão das crianças sobre si mesmas e sobre seus colegas.

Além da frequência das respostas, foram consideradas situações específicas observadas durante a realização da atividade, especialmente aquelas relacionadas à identificação da cor da pele, à representação por meio dos desenhos e às interações entre os participantes. Esses episódios foram analisados de forma articulada aos referenciais teóricos sobre identidade, relações étnico-raciais, estereótipos e educação antirracista, buscando compreender os sentidos presentes nas manifestações

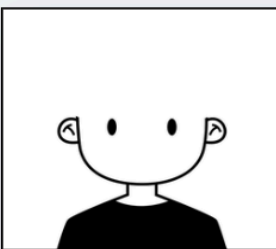
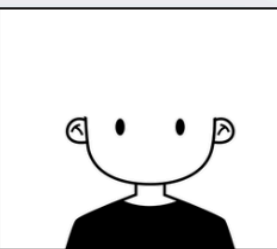
das crianças.

Desse modo, a análise dos dados procurou estabelecer uma relação entre as respostas produzidas, os comportamentos observados durante a atividade e as discussões teóricas que fundamentam o estudo, considerando as crianças como sujeitos ativos na construção de suas percepções sobre si mesmas e sobre o outro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir correspondem às produções e manifestações das crianças durante a atividade, buscando compreender como compreendem a si mesmas e aos colegas. A análise considera os registros obtidos nos desenhos, as respostas ao questionário e as situações observadas durante a realização da proposta, relacionando-os aos estudos sobre identidade, relações étnico-raciais e construção de estereótipos.

Figura 1 – Formulário utilizado para avaliar a compreensão das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental.

	
QUAL SUA COR DE PELE::	QUAL A COR DE PELE DO SEU COLEGA:
COMO É O SEU CABELO:	COMO É O CABELO DO SEU COLEGA:
O QUE VOCÊ GOSTA NA SUA APARÊNCIA:	O QUE VOCÊ GOSTA NA APARÊNCIA DO SEU COLEGA:
O QUE VOCÊ E O SEU COLEGA TEM QUE SÃO IGUAL:	
O QUE VOCÊ E O SEU COLEGA TEM QUE SÃO DIFERENTE:	

Fonte: Da própria autora. (Março, 2025).

Na primeira etapa, em que as crianças deveriam desenhar a si mesmas e ao colega, observou-se que a forma como cada uma se representava nem sempre correspondia à maneira como era representada pelo outro. Um exemplo ocorreu com uma dupla de meninos: embora um deles tenha afirmado que ambos eram “marrom”, ao realizar o desenho utilizou o lápis denominado “cor de pele” para representar a si mesmo e ao colega. O parceiro, por sua vez, utilizou uma tonalidade diferente para representá-lo (Figura 2). Essa situação pode ser relacionada à compreensão de Costa (2015, p. 60) de que:

“a criança se identifica como pertencente a algum grupo social fazendo comparações e

associações relacionadas aos outros grupos, que por sua vez só são identificados como tais a partir da diferenciação que a criança faz de si e deles”.

Figura 2 – Desenho produzido por crianças do 2º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Da própria autora. (Março, 2025)

A diferença observada entre a fala e a representação gráfica chama atenção para a complexidade envolvida na maneira como as crianças compreendem e nomeiam características relacionadas à cor da pele. Embora a atividade não permita determinar os motivos dessas escolhas, o episódio demonstra que a identificação de características físicas não ocorre de maneira neutra, uma vez que raça e etnia também são construídas e compreendidas socialmente.

Nesse sentido, Santos et al. (2010) diferenciam os conceitos de raça e etnia, destacando que o primeiro, embora historicamente relacionado a classificações de características físicas, passou a ser compreendido principalmente como uma categoria social, enquanto a etnia está relacionada a aspectos culturais, como costumes, língua, religião, território e ancestralidade. Os autores afirmam que:

“Enquanto raça engloba características fenotípicas, como a cor da pele, a etnia também compreende fatores culturais, como a nacionalidade, afiliação tribal, religião, língua e as tradições de um determinado grupo” (Santos et al., 2010, p. 123).

Essa distinção contribui para compreender que a compreensão das crianças sobre a cor da pele não se restringe a uma característica física, mas está inserida em relações sociais nas quais determinados grupos e características podem receber diferentes significados.

Outro caso ocorreu quando uma aluna foi questionada sobre sua cor de pele. Inicialmente, ela respondeu “*cor de pele*”, referindo-se ao lápis utilizado para representar essa tonalidade. Ao comparar o lápis com a própria pele,

identificou que o tom marrom se aproximava mais de sua tonalidade. Entretanto, ao realizar o desenho, voltou a utilizar o lápis que havia chamado de “cor de pele” (Figura 3).

Figura 3 – Desenho produzido por uma aluna do 2º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Da própria autora. (Março, 2025).

A situação demonstra que a criança compreende diferenças entre os tons de pele, mas utiliza uma expressão que atribui a determinado tom o significado de “cor de pele”. Esse aspecto merece atenção porque pode indicar a existência de uma referência considerada comum ou padrão para representar a pele. Almeida (2019) contribui para essa discussão ao compreender o racismo como um fenômeno estrutural, presente nas relações sociais e nas instituições, o que permite considerar que determinadas formas de representação e classificação podem ser aprendidas e reproduzidas no cotidiano, inclusive durante a infância.

Quanto às respostas relacionadas à cor da pele, foram

analisadas as questões “Qual a sua cor de pele?” e “Qual a cor de pele do seu colega?”. Os resultados são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Autodeclaração da cor ou tonalidade da pele das crianças e compreensão da cor da pele dos colegas.

Pergunta	Resposta	Quantidade de crianças
Qual a sua cor de pele?	Branca	9
	Marrom	5
	Cor de pele	1
	Marrom misturado com bege	1
	Morena	1
	Pele normal	1
	Parda	1
	Sem resposta	1
Qual a cor de pele do seu colega?	Marrom	10
	Branca	5
	Negra	1
	Parda	3
	Sem resposta	1

Fonte: Tabela produzida pela autora. (Março, 2025)

Na autodeclaração, a categoria “branca” foi a mais mencionada, aparecendo em nove respostas. “Marrom” apareceu em cinco, enquanto outras formas de nomeação foram utilizadas pontualmente, como “cor de pele”, “marrom misturado com bege”, “morena”, “pele normal” e “parda”.

Um dado que chama atenção é que nenhuma criança utilizou os termos “negra” ou “preta” para se autodeclarar. Na identificação dos colegas, entretanto, “negra” apareceu em uma

resposta e “parda” em três. Essa diferença entre a forma de nomear a si mesmo e ao outro pode ser compreendida a partir das relações sociais nas quais as crianças constroem suas percepções sobre pertencimento e identidade.

Verrangia e Silva (2010, p. 709) explicam que as relações étnico-raciais são:

“[...] aquelas estabelecidas entre os distintos grupos sociais, e entre indivíduos destes grupos, informadas por conceitos e ideias sobre as diferenças e semelhanças relativas ao pertencimento racial destes indivíduos e dos grupos a que pertencem”.

Dessa forma, a maneira como uma criança é identificada por seus colegas e a maneira como ela própria se identifica não necessariamente coincidem, pois essas percepções são produzidas nas relações que estabelece com outras pessoas e com os grupos aos quais pertence.

A utilização de expressões como “cor de pele” e “pele normal” também merece destaque. Embora não seja possível afirmar, apenas a partir dessas respostas, que as crianças estejam reproduzindo conscientemente uma hierarquização racial, tais expressões podem indicar a existência de uma

representação tomada como referência. Gomes (2003, p. 171) destaca os desafios envolvidos na construção de uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente produz processos de desvalorização da população negra. Assim, os dados encontrados reforçam a importância de trabalhar diferentes tons de pele e identidades de maneira positiva no espaço escolar.

A ausência dos termos “negra” ou “preta” nas autodeclarações, portanto, não deve ser interpretada isoladamente como negação da identidade racial. Entretanto, quando analisada juntamente às demais respostas e situações observadas durante a atividade, evidencia a necessidade de criar espaços em que as crianças possam falar sobre raça e identidade sem que determinadas características sejam apresentadas como inferiores ou negativas. Essa compreensão dialoga com Bento (2012, p. 103-104), ao destacar que “[...] crianças muito novas estão ouvindo e incorporando conceitos sobre raça a partir das conversas dos adultos que as cercam”. Ainda de acordo com a autora, a família e a escola são elementos importantes na formação da identidade das crianças.

As respostas referentes ao cabelo também possibilitaram observar como as crianças reconhecem características próprias e dos colegas. Os dados estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização do próprio cabelo e do cabelo dos colegas segundo as crianças.

Pergunta	Resposta	Quantidade de crianças
Como é o seu cabelo?	Cacheado	7
	Liso	5
	Liso e castanho	2
	Preto	2
	Castanho	4
Como é o cabelo do seu colega?	Cacheado	6
	Liso	6
	Liso e castanho	1
	Preto	2
	Castanho	2
	Encaracolado	1
	Sem resposta	2

Fonte: Da própria autora. (Março, 2025)

As respostas demonstram que as crianças reconhecem diferentes características relacionadas ao cabelo, tanto em si mesmas quanto nos colegas. O cabelo aparece, inclusive, como uma das características mais utilizadas posteriormente para indicar semelhanças e diferenças entre os participantes.

Essa compreensão é relevante para as relações étnico-raciais, uma vez que o cabelo constitui um dos elementos corporais frequentemente

associados à identidade e à representação racial. A valorização de diferentes tipos e características capilares pode contribuir para que as crianças desenvolvam uma compreensão positiva de si mesmas e dos outros. Por outro lado, quando determinados cabelos são associados a padrões de beleza ou a características negativas, podem ser reforçados estereótipos.

Fazzi (2006, p. 219) destaca o desafio de construir relações sociais nas quais o preconceito não esteja presente nas relações intersubjetivas. Nesse sentido, trabalhar a diversidade dos cabelos no cotidiano escolar pode contribuir para que características físicas não sejam utilizadas como motivo de inferiorização ou exclusão.

Outra dimensão investigada foi aquilo que as crianças reconhecem como positivo em sua própria aparência e na aparência dos colegas, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Características apreciadas pelas crianças em sua própria aparência e na aparência dos colegas.

Pergunta	Resposta	Quantidade de crianças
O que você gosta na sua aparência?	Rosto	2
	Cabelo	4
	Pé	2
	Coração	1
	Olhos	4
	Brinca	1

O que você gosta na aparência do seu colega?	Boca	1
	Força	2
	Fofura	2
	Nada	1
	Cabelo	6
	Rosto	2
	Olho	1
	Unha	1
	Bochecha	1
	Boca	2
	Amizade	2
	Fofura	2
	Nada	2
	Sem resposta	1

Fonte: De autoria própria (março de 2025).

As respostas mostram que as crianças recorrem principalmente a características físicas para falar sobre aquilo que apreciam em si mesmas e nos colegas. Cabelo e olhos foram alguns dos elementos mais mencionados. Também apareceram respostas relacionadas a aspectos que ultrapassam a aparência, como “amizade”, “força”, “brinca” e “fofura”.

A diferença entre falar sobre si e falar sobre o outro também merece atenção. Nesse conjunto de respostas, algumas crianças demonstraram maior facilidade para identificar características positivas nos colegas do que em si mesmas. Costa (2015) aponta que a construção da identidade ocorre na relação com o outro, uma vez que a criança elabora a compreensão sobre si e sobre seu grupo a partir das comparações e relações estabelecidas com aqueles que fazem parte de seu

convívio. Dessa maneira, reconhecer o outro também participa do processo de construção da própria identidade.

A resposta “nada”, apresentada por uma criança em relação à própria aparência e por duas em relação à aparência dos colegas, não permite, isoladamente, concluir que exista baixa autoestima. No entanto, constitui um dado que merece atenção no contexto da atividade, principalmente por se tratar de uma proposta que buscava identificar características valorizadas pelas crianças. Briggs (2002, p. 43) relaciona a autoestima ao sentimento da criança de ser amada e digna de valor, reforçando a importância de experiências educativas que favoreçam o reconhecimento de características positivas.

As crianças também foram questionadas sobre aquilo que consideravam semelhante entre elas e seus colegas. Os resultados estão apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 – Semelhanças identificadas pelas crianças entre si e seus colegas.

Resposta	Quantidade de crianças
Olho	3
Óculos	2
Pele	1
Nariz	1
Boca	1
Cabelo	5
Preto	1

Nada	2
Sem resposta	3

Fonte: Da própria autora. (Março, 2025)

Ao identificar semelhanças, as crianças recorreram principalmente a características corporais visíveis, como olhos, cabelo, pele, nariz e boca. O cabelo novamente aparece com destaque, sendo citado por cinco crianças.

Gaudio (2013) destaca a importância das características corporais na construção da identidade infantil, considerando que a criança constrói imagens sobre si também a partir das relações que estabelece com outros corpos. Nesse sentido, reconhecer características semelhantes pode favorecer a compreensão de pertencimento e aproximação, enquanto compreender diferenças pode contribuir para a compreensão da diversidade.

Entretanto, é importante que esse reconhecimento não permaneça limitado à aparência. As relações estabelecidas no cotidiano escolar possibilitam que as crianças percebam que as diferenças entre os sujeitos também envolvem histórias, experiências, culturas, modos de pensar e diferentes formas de ser.

Na sequência, foram analisadas as respostas referentes às diferenças

percebidas entre as crianças e seus colegas, apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Diferenças percebidas pelas crianças entre si e seus colegas.

Resposta	Quantidade de crianças
Cabelo	6
Altura	5
Rosto	1
Pele	2
Orelha	2
Tudo	2
Sem resposta	2

Fonte: Da própria autora. (Março, 2025).

Assim como ocorreu nas respostas sobre semelhanças, as crianças identificaram as diferenças principalmente por meio de características físicas. O cabelo e a altura foram os elementos mais mencionados, seguidos por pele, orelha e rosto. Duas crianças responderam “tudo”, indicando uma compreensão mais ampla das diferenças, embora sem especificar quais características estavam sendo consideradas.

Os resultados reforçam que, para esse grupo, a aparência constitui uma das principais referências utilizadas para compreender a si mesmo e ao outro. Por isso, trabalhar a diversidade desde os primeiros anos de escolarização torna-se importante para que as diferenças não sejam associadas à inferioridade ou à exclusão.

Verrangia e Silva (2010) ressaltam a importância de discutir as relações étnico-raciais de maneira aberta, especialmente diante da necessidade de enfrentar a discriminação racial presente na sociedade brasileira. No contexto escolar, essa discussão pode ocorrer por meio de histórias, imagens, brincadeiras, representações e situações de diálogo que apresentem diferentes grupos e características de maneira positiva.

Além dos dados registrados nos desenhos e questionários, durante a atividade foi observada uma situação significativa. Em determinado momento, uma criança chamou uma colega de “negrinha” e, em seguida, riu dela. A criança que recebeu o comentário demonstrou tristeza e respondeu que não era “negrinha”, mas “moreninha”.

Exemplo 1:

Aluna A: “Você é negrinha.”

Aluna B: “Eu não sou negrinha, sou moreninha.”
(Diálogo observado durante a realização da atividade, março de 2025).

A reação da criança demonstra que a palavra utilizada pelo colega não foi compreendida apenas como uma descrição de característica física, mas adquiriu um significado negativo

naquele contexto. A tentativa imediata de substituir “negrinha” por “moreninha” chama atenção para a maneira como determinadas formas de identificação racial podem ser percebidas pelas próprias crianças.

Essa situação pode ser compreendida a partir das discussões de Silva (2015, p. 181), para quem:

[...]as crianças negras se constroem pessoas e cidadãos em situações de conflito, de reconhecimento e de desqualificação do seu pertencimento étnico-racial, da sua negritude.

Nesse sentido, a reação da aluna diante da expressão utilizada pela colega revela um possível conflito em torno da forma como sua identidade racial é nomeada e percebida. Embora um único episódio não permita generalizar essa experiência para as demais crianças, ele evidencia como as relações estabelecidas entre os próprios pares podem participar da construção dos sentidos atribuídos às características raciais.

Essa relação entre reconhecimento, pertencimento e identidade também é discutida por Bento *et al.* (2012, p. 111), ao afirmarem:

Cada um de nós gosta, em geral, de nossas características que são apreciadas pelos outros. Precisamos de imagens positivas acerca de nós mesmos, para podermos funcionar de modo harmonioso. Precisamos acreditar que somos, ao menos em alguma medida, “bons”; senão, o ódio e a agressividade que fazem parte de nossa vida emocional atacam nosso próprio “eu”, com consequências severas para o funcionamento psíquico. Assim, quando uma criança recebe mensagens contínuas de que não é tão bonita, tão atraente quanto sua coleguinha, ou de que seus traços são considerados feios, ou expressão de sujeira, teremos um grande problema na formação da identidade desta criança.

A partir dessa perspectiva, a fala observada durante a atividade ganha maior significado, pois a maneira como uma característica racial é apresentada pode interferir na forma como a própria criança passa a compreendê-la. No episódio, a substituição imediata do termo “negrinha” por “moreninha” sugere que a primeira identificação foi percebida de maneira negativa, indicando que os sentidos atribuídos às características raciais são construídos também nas relações cotidianas.

É justamente nessas relações entre pares que a discussão de Corsaro (2011) se torna pertinente. Para o autor, as crianças participam ativamente da construção social da infância, interpretando e reelaborando os elementos culturais presentes em seu

cotidiano. Assim, a fala observada não deve ser compreendida apenas como uma manifestação individual, mas como parte de uma interação na qual as crianças produzem e compartilham significados sobre si mesmas e sobre os outros. Dessa maneira, concepções relacionadas à aparência e ao pertencimento racial podem ser reproduzidas, transformadas ou questionadas nas próprias relações entre as crianças.

Essas manifestações, por sua vez, não estão desvinculadas do contexto social mais amplo. Santos *et al.* (2024) discutem que as desigualdades étnico-raciais existentes no Brasil estão relacionadas a processos históricos de colonização e à permanência do racismo estrutural. Embora o estudo dos autores esteja voltado para a população adolescente, essa discussão contribui para compreender que as relações raciais são atravessadas por desigualdades historicamente construídas e que seus efeitos podem alcançar diferentes espaços de convivência.

Desse modo, o episódio observado em sala de aula pode ser entendido como uma pequena expressão de questões que ultrapassam a interação entre duas

crianças. A forma de nomear a cor da pele, a rejeição de determinada identificação e o riso diante dessa característica mostram que os significados atribuídos à raça são construídos socialmente e podem aparecer desde a infância nas relações entre os sujeitos. Por isso, cabe à escola reconhecer essas manifestações e criar possibilidades para que as crianças possam construir referências positivas sobre diferentes identidades raciais, rompendo com representações que associam a negritude a algo inferior ou indesejável.

Diante desse contexto, a escola assume papel importante na identificação e no enfrentamento das manifestações de preconceito que podem surgir nas relações cotidianas. A atividade mostrou que questões relacionadas à raça e à identidade podem aparecer em situações aparentemente simples, como a escolha de uma cor para representar a própria pele ou a forma de nomear o colega. Por isso, a educação antirracista não deve se restringir a momentos específicos ou datas comemorativas, mas estar presente de forma contínua nas experiências educativas.

Os resultados reforçam, ainda, a importância de uma atuação docente atenta às formas como as crianças nomeiam, representam e atribuem significado às próprias características e às dos colegas. Nesse processo, a mediação pedagógica pode contribuir para ampliar as referências das crianças, apresentando diferentes tons de pele, tipos de cabelo, características físicas, culturas e identidades de maneira positiva e valorizada.

Desse modo, as manifestações identificadas não devem ser compreendidas apenas como características individuais das crianças, mas como elementos que também se relacionam ao contexto social em que elas estão inseridas. As respostas sobre cor da pele, cabelo, aparência, semelhanças e diferenças, somadas à situação de interação observada, mostram que as crianças constroem significados sobre si e sobre os outros desde os primeiros anos de escolarização. Esses significados, por sua vez, podem envolver tanto reconhecimento e valorização quanto rejeição e dificuldade de pertencimento.

Assim, os dados evidenciam a necessidade de práticas pedagógicas contínuas que possibilitem às crianças reconhecer as diferenças sem

transformá-las em critérios de superioridade ou inferioridade. Trabalhar a identidade racial desde os anos iniciais significa criar espaços para que cada criança possa reconhecer, valorizar e respeitar diferentes formas de ser, de parecer e de pertencer, contribuindo para relações mais respeitadas e para uma educação comprometida com a equidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa possibilitou compreender como crianças do 2º ano do Ensino Fundamental compreendem a si mesmas e aos seus colegas a partir de características relacionadas à aparência, à cor da pele, ao cabelo e às diferenças e semelhanças entre os sujeitos. A análise dos desenhos, das respostas ao questionário e das situações observadas durante a atividade evidenciou que essas percepções são construídas nas relações sociais e podem ser influenciadas por padrões e estereótipos presentes no contexto em que as crianças estão inseridas.

Os dados também permitiram compreender situações de distanciamento ou dificuldade de reconhecimento da própria identidade racial, especialmente quando

relacionadas à cor da pele. Esses aspectos reforçam a necessidade de que as questões étnico-raciais sejam trabalhadas desde os primeiros anos de escolarização, de maneira contínua e adequada à faixa etária, possibilitando que as crianças reconheçam e valorizem suas próprias características e as dos outros.

Nesse sentido, a escola possui papel fundamental na construção de relações baseadas no respeito, na valorização das diferenças e na igualdade. O professor, como mediador do processo educativo, deve estar atento às manifestações de preconceito e aos estereótipos presentes no cotidiano escolar, criando situações pedagógicas que favoreçam o diálogo, a reflexão e o reconhecimento positivo das diferentes identidades.

A experiência desenvolvida no âmbito do PIBID também contribuiu para a formação docente, ao possibilitar a aproximação entre os conhecimentos teóricos discutidos na formação acadêmica e as situações concretas vivenciadas no espaço escolar. A pesquisa evidenciou que observar, ouvir e compreender as manifestações das crianças constitui uma importante ferramenta para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais conscientes

e comprometidas com uma educação antirracista.

Por fim, destaca-se que a presente pesquisa apresenta algumas limitações, especialmente por ter sido realizada em um único dia, com 20 crianças de apenas uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental e em uma única escola. Dessa forma, os resultados não podem ser generalizados para outras realidades escolares, mas representam as percepções identificadas naquele contexto específico. Ainda assim, a experiência evidencia a importância de abordar as relações étnico-raciais de maneira contínua no cotidiano escolar, e não apenas em atividades pontuais. Nesse sentido, práticas pedagógicas permanentes podem contribuir para que as crianças reconheçam e valorizem suas próprias características e as dos outros, fortalecendo relações de respeito, pertencimento e valorização da diversidade.

Agradecimentos

Deixo aqui meus sinceros agradecimentos ao Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - *Campus* Salinas, por proporcionar minha formação acadêmica e pelas oportunidades de aprendizagem ao

longo da Licenciatura em Pedagogia. Agradeço também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela oportunidade de vivenciar experiências que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e docente.

Agradeço à escola parceira, pela acolhida e disponibilidade para a realização das atividades, bem como ao professor supervisor do PIBID e à professora regente da turma, pelo acompanhamento, apoio e contribuição durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também à professora da disciplina de Relações Étnico-Raciais na Educação, pelos conhecimentos compartilhados e pelas reflexões que contribuíram para a construção e o desenvolvimento desta pesquisa.

Estendo meus agradecimentos ao professor coordenador do PIBID e orientador deste trabalho, pela orientação, pelos conhecimentos compartilhados e pelas contribuições fundamentais para a realização da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para que essa experiência fosse possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012. p. 98–117.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

BRIGGS, Dorothy Corkille. **A auto-estima do seu filho**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Fabiola Cristina Santos. **Relações étnico-raciais na educação infantil: o que dizem as crianças?** 2015. Monografia (Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero**. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de

Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://ufsc.br>. Acesso em: 3 set. 2026.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167–182, 2003. DOI: 10.1590/S1517-97022003000100012.

SANTOS, Diego Junior da Silva et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 121–124, 2010. DOI: 10.1590/S2176-94512010000300015.

SANTOS, Iraneide Nascimento dos et al. O racismo estrutural e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente brasileiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, e34025, 2024. DOI: 10.1590/S0103-7331202434025pt.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Mesa-redonda: entre os tratados coloniais e a emancipação humana: a luta pelo reconhecimento das diferenças. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE INFÂNCIAS E PÓS-COLONIALISMO, 2., Campinas, 2015. **Pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras**. Campinas, 2015.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 705–718, 2010. DOI: 10.1590/S1517-97022010000300004.